

BERNARDINO FERNANDO DA COSTA MARQUES*

«Philosophus» – «philosophi» – «secundum theologos»: a relação entre Filosofia e Teologia na *Summa Sermonum* de Frei Paio de Coimbra, O.P.¹

«A fê, que se fundamenta no testemunho de Deus e conta com a ajuda sobrenatural da graça, pertence efectivamente a uma ordem de conhecimento diversa da do conhecimento filosófico».

João Paulo II, Carta Encíclica «Fides et Ratio»

1. A obra e o autor.

Em 1947, Frei José Montalverne, OFM, enquanto procurava sermões dedicados à Assunção da Virgem Maria nos antigos manuscritos do mosteiro de Alcobaça, deparou com 15 peças oratórias, «todas diferentes e notáveis pela erudição escriturística e patrística e pelas razões teológicas» nelas desenvolvidas², no códice número 5 do Inventário Alcobacense, CXXX da Biblioteca Nacional

* Gabinete Filosofia Medieval – FLUP.

¹ Sobre este assunto publicaram-se, em diferentes contextos, dois ensaios: o de Maria Cândida Monteiro PACHECO, «Exegese e pregação em Santo António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra», in *Actas das II Jornadas Luso Espanholas de História Medieval*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Porto 1990, pp. 1-11; e o de Agostinho Figueiredo FRIAS e Bernardino Fernando da Costa MARQUES, «Theologia, scientia et ars dans les Sermones de Frater Palagius Parvus Colimbriensis», *O.P.* in *Actes du Colloque CIVICIMA* – Porto, (Portugal) 11-12 octobre 1996. IX, «Le vocabulaire des écoles des Mendians au moyen âge», Brepols, Turnhout 1999, pp. 16-25.

² *Colectânea de Estudos*, 3 (1947) 130.

de Lisboa, com o seguinte título: «Magistri Fratris Pelagii Parui, Ordinis Praedicatorum, *Summa Sermonum de Festivitatibus per anni circulum. Incipiens a Festivitate Sancti Andreae Apostoli, et finiens quinque sermonibus Sanctae Catherinae, Virginis et Martyris*, per Dominicum Petrum inscriptum. - Magistri Fratris Joannis de Rupella, (ut scriptor credit), *Processus seu Ars Theorica practica Conficiendi Sermones*. Scriptum Era MCCLXXXVIII. Anno Domini 1250». No cólofon (f. 179v) o copista, Frei Domingos Peres de Lisboa, registou o destinatário do códice: D. Pedro Eanes, abade do mosteiro de Tarouca; e a data em que finalizou o seu trabalho: 1288. Este códice é a única cópia de um original que terá sido destruído, ou cujo paradeiro se desconhece. Por ter sido encomendado para uso dos monges de São João de Tarouca, o escriba tomou a liberdade de introduzir alguns elementos novos no texto em conformidade com a espiritualidade monástica beneditina dos destinatários. Porém o livro nunca saiu do mosteiro de Alcobaça, e apresenta marcas de utilização na escola deste mosteiro. O último caderno contém a *ars praedicandi* e alguns sermões do mestre franciscano João de Rupela, anexado deliberadamente pelo mesmo copista ao sermão, do qual constitui, na verdade, seu complemento didático.

O autor da *Summa Sermonum*, Frei Paio de Coimbra, foi pregador e mestre da primitiva geração dos dominicanos portugueses, também conhecido por Pelagius Parvus, Pelagius Aprilis, Pelagius Hyspanus, Pelagius Lusitanus, Divus Pelagius Conimbricensis e São Frei Paio de Coimbra. Da sua vida pouco sabemos, e até 1947 não era conhecida a sua obra parenética. Aliás, Frei Luís de Sousa diz, com certo desânimo, que «foi sua vida e morte surda e sem rumor»³. Tomou o hábito de pregador mendicante das mãos de Frei Soeiro Gomes, um dos primeiros companheiros de São Domingos, enviado juntamente com três confrades para Espanha no Verão de 1217. Ingressou na Ordem, como consta na História de São Domingos, «entrado já em dias» e culturalmente adulto, pois era «conhecido por letras e virtudes». Talvez por isso tenha sido nomeado prior e mestre do primeiro convento de Coimbra, construído em 1227 no Arnado, lugar da Figueira Velha, sob o piedoso mecenato das princesas D. Teresa, que comprou os terrenos, e D. Branca, que financiou a construção. No dia 24 de Maio de 1223, Frei Paio, como ele próprio confessa, encontrava-se em Bolonha onde presenciou a exumação do corpo de Domingos de Gusmão, a qual havia sido ordenada por Frei Jordão de Saxónia, primeiro Ministro Geral da Ordem, para que o santo fundador fosse de-

³ *História de São Domingos*, t. 1, Lisboa 1866, p. 311.

positado em mausoléu mais digno e mais belo: «Reuera enim in apertione sepulcri eius, tanti odoris suauitas emanauit quantam me nunquam arbitror percepissem nam tunc temporis ipse presens fui Bononie...»⁴. (Quando abriram o seu sepulcro, sentiu-se um perfume tão suave como nunca eu tinha experimentado, pois, na verdade, naquele tempo eu estava presente em Bolonha). É duvidoso que tenha falecido no ano de 1240, data gravada na sua lápide tumular: «Primus huius Conuentus Prior morum sanctitate ac miraculorum gloria insignis Pelagius hic situs est. Obiit circa annum 1240»⁵. (Aqui jaz Frei Paio, primeiro prior deste convento e notável pela santidade de costumes e pela glória dos seus milagres. Morreu à volta de 1240). Na verdade em 1248 o «prior predicatorum Colimbrie», «Frater Pelagius Aprilis», assiste como testemunha à abertura do testamento de D. Sancho II. Até ao século XIX, pelo menos, a figura do pregador dominicano é devotamente recordada; a *Summa Sermonum*, porém, não é referenciada, nem sequer entre os cronistas da sua Ordem. O insigne medievalista P. Mário Martins, escreveu em 1973 um excelente ensaio intitulado «O Sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cod. Alc. 5/CXXX», que se tornou o clássico tópico referencial para o estudo de datação, da pessoa do mestre dominicano e do conteúdo do sermonário. Deve-se, no entanto, rectificar a hipótese da peregrinação de Frei Paio ao famoso túmulo do bispo mártir São Tomás de Cantuária sustentada pela expressão *ut nos uidimus*, pois trata-se apenas da transcrição fiel da fonte hagiográfica utilizada. Observe-se também que a *Summa Sermonum* jamais teria sido escrita antes de 1234, ano da publicação das *Decretales Gregórii IX*, ou *Liber Extra*, tarefa encomendada por este Papa ao dominicano Raimundo de Penhaforte, cujos cânones Frei Paio cita com toda a propriedade no seu sermonário.

Para abordar directamente o pensamento de Frei Paio de Coimbra sobre a relação filosofia/teologia, bastará considerar algumas expressões que ele utiliza com frequência no sermonário e que constituem três tópicos significativos: «Philosophus», «philosophi», «secundum theologos».

«Philosophus», significa o filósofo por excelência. É o epíteto atribuído quase exclusivamente a Aristóteles, mas também designa algumas vezes Séneca; concedendo-lhes ora o estatuto da *auctoritas* com força argumentativa semelhante à dos Padres da Igreja, ora o de elemento meramente ilustrativo e puramente retórico.

⁴ Lisboa, Biblioteca Nacional, Alc. 5/CXXX, f. 118r.

⁵ In M. MARTINS, SJ, «O Sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5/CXXX», *Didaskalia*, 3 (1973) 341.

«Philosophi». O termo, ora é tomado em sentido depreciativo: é atribuído aos pseudo-sábios, orgulhosos e soberbos que tentam impor o erro e a mentira, da mesma maneira que os tiranos se impõem caprichosamente aos súbditos; ora é tomado no próprio significado com benévola deferência: designa todos os filósofos amantes da verdade e da sabedoria, tal como Clemente e Dionísio, convertidos pelos apóstolos Pedro e Paulo; e como os sábios convertidos pela dialéctica da nobre Catarina de Alexandria. Verdadeiros filósofos são todos aqueles que divinamente iluminados, reconhecem na natureza criada o seu Criador.

«Secundum theologos». A expressão é utilizada para designar os pensadores cristãos coevos que se dedicavam à especulação e ao ensino da teologia e, de um modo muito particular, Guilherme de Auxerre, o mestre parisiense preferido das primeiras escolas da Ordem dos Pregadores. Também Frei Paio de Coimbra se deixou influenciar pelo mestre Guilherme ao assumir a teologia como ciência no sentido aristotélico do termo, como mais adiante se mostrará. Antes, porém, deve considerar-se a importância e a necessidade do estudo da *sacra pagina*, ou teologia, na primitiva comunidade dominicana.

2. A prioridade do estudo da teologia

No segundo decénio do século XIII, Domingos de Gusmão funda uma Ordem de frades mendicantes para combater a heresia e promover a reforma da vida cristã, não pela violência das armas, nem pela imposição da doutrina, mas propondo o retorno à genuína fé cristã, pelo exemplo da pobreza de vida e pela sábia pregação evangélica. Para realizar este ideal coloca todo o empenho na formação dos religiosos, pela oração e pelo estudo. Como escreveu M. Humbert Vicaire: «A legislação de 1220 prevê (em cada convento) um mestre (*doctor*) para os estudantes (cfr. I Cont., I, 28) que se encarregue dos estudos dos irmãos, determine os cursos que eles devam frequentar, e organize em cada dia, depois das Vésperas, disputas ou recapitulações nas quais cada um tenha a oportunidade de colocar as suas dúvidas e apresentar as suas questões. Quando os julgar capazes, o mestre os fará exercitar em colóquios e colações semanalmente e os autorizará a escrever nos seus cadernos pessoais. Por fim, deverá iniciá-los na pregação»⁶. Cada convento teria que ser, obrigatória e impreterivelmente, uma escola.

⁶ *Dominique et ses prêcheurs*, 2. ed., Univ. Fribourg Suisse, 1979, p. 107.

Os livros recomendados para o estudo eram, em primeiro lugar, todo o Novo Testamento, especialmente o evangelho de São Mateus e as sete cartas católicas; seguia-se a *Summa de Poenitentia* de Raimundo de Penhaforte (+1275) e o *Decretum Gratiani* juntamente com as *Decretales* do papa Gregório IX, como referências obrigatórias para o estudo da teologia moral e do exercício da pregação. Ficam assim traçadas desde os primórdios da Ordem as características fundamentais da pregação dominicana: será bíblica e teológica, positiva e sintética.

O estudo da teologia desenvolveu-se extraordinariamente nos Estudos Gerais de Toulouse (Jacobins de Toulouse) desde que ali chegou Rolando de Cremona (+1259), o primeiro dominicano mestre de teologia na Universidade de Paris, em 1231, logo após a greve dos estudantes. Aqui privou com os mestres Prévostin e Guilherme de Auxerre. Com eles partilhou o espírito de abertura ao aristotelismo, que iria posteriormente entusiasmar Alberto Magno e Tomás de Aquino, os primeiros a colocar a questão: *Utrum sacra doctrina sit scientia*.

3. O carácter científico da *Sacra Doctrina*

Teremos que recuar ao século XII e observar o movimento de transição da teologia monástica de cariz predominantemente expositivo e exegético, para a teologia pré-escolástica a qual se vai afirmando progressivamente como conhecimento autónomo, sistemático e racionalizado. Abelardo é o primeiro a atribuir o nome de *theologia* à *sacra doctrina* ou *sacra eruditio*. Aplica, com extrema subtilidade, a lógica ou dialéctica ao estudo da doutrina cristã. Na verdade, o *theos*, isto é, as verdades reveladas e transmitidas *ex auditu*, só pode ser atingido e compreendido pelo *logos*, isto é, o *intellectus fidei*: a razão recebe, deste modo, a graça da iluminação divina – *lucifer interior*. Por outro lado, Alano de Lille, sistematiza as regras fundamentais do conhecimento teológico. Ambos contribuem assim decididamente para acelerar a construção duma ciência teológica, cujo estatuto epistemológico só começa a delinear-se com o advento da Lógica (nova), da Física, da Metafísica e da Ética de Aristóteles no século XIII. Os mestres da faculdade de teologia de Paris têm consciência, então, do valor e utilidade da concepção aristotélica da ciência para o desempenho efectivo do *intellectus fidei*, e também despertam para a importância dos conteúdos da metafísica do Estagirita para analisar, penetrar e clarificar os mistérios da fé revelada. Recusam agora reduzir a teologia a mero exercício exegético-narrativo ou a simples comentário do texto sagrado. Nasce uma nova teologia, com novo estatuto epistemológico de carácter racional, especulativo e argumentativo.

Na *Summa Aurea* de Guilherme de Auxerre (+1231), a teologia é já definida como ciência: *cognitio certa per causas*. Porém, os princípios desta ciência não recebem a sua evidência das *rationes propriae rerum naturalium*, mas do poder iluminante da fé. A teologia é, portanto, uma ciência autónoma que transcende as outras ciências, tem princípios próprios e conteúdos específicos: «Principia theologica sunt articuli fidei; fidei enim articulus est principium non conclusio»⁷. Os artigos da fé são pois os axiomas desta ciência, e a sua evidência é garantida de modo absoluto pelo carácter de veracidade da divindade reveladora. Serve-se da racionalidade humana, mas não carece de seu aval. O mestre Guilherme de Auxerre considera ainda a teologia como ciência em sentido aristotélico de um modo extrínseco, isto é, apenas utiliza a nomenclatura epistemológica de Aristóteles enquanto estrutura formal, mas ainda não recorre aos conteúdos conceptuais da sua metafísica. Na verdade o aristotelismo de Guilherme não poderia ter ido mais longe: a *Summa Aurea* aparece no contexto das querelas provocadas pela proibição da leitura (ensino) de Aristóteles, frequentemente proclamada entre os anos de 1210 a 1228. Censura que ele, prudentemente, não reprovava. Apesar disso, o mestre Guilherme contribuiu positivamente para o uso estrito do conceito de ciência aristotélica na teologia, e mostrou que, tal como as outras ciências, a teologia tem a faculdade de se organizar como um sistema coerente a partir de princípios próprios, os artigos da fé⁸.

Diz o P. Chenu que este movimento iniciado em Paris, não estiolou, antes pelo contrário «pela introdução da epistemologia aristotélica, constitui-se no século XIII, no âmbito de uma reflexão explícita, a teologia como ciência. São Tomás de Aquino foi o mestre desta operação de grande envergadura, que deveria assumir o comando do desenvolvimento ulterior da sagrada doutrina. A génese desta metodologia, os seus preparativos, as reacções, as resistências que ela encontrou, rendem homenagem a esta grande obra de São Tomás, cujos escritos, ao serem lidos tendo em conta o contexto original, ganham um vigor histórico, apoiado por uma interpretação interna solidamente sustentada passados que são sete séculos»⁹.

⁷ *Summa Aurea*, IV, de baptismo, q.1.

⁸ Cfr. M.-D. CHENU, O.P., *La théologie comme science au XIIIe. Siècle*, J. Vrin, Paris, 1969, cit. p. 9: «...un autre thème, mis en circulation par Guillaume d’Auxerre, et déjà acueilli dans les écoles: l’analogie à établir entre les articles de foi et les principes premiers de la science. De fait, dans cette comparaison, appuyée à la théorie aristotélicienne de la science, nous allons découvrir l’une des plus fécondes inspirations qui donnèrent alors ses consistence épistemologique à la science théologique», p. 58.

⁹ M.-D. CHENU, O.P., *La théologie comme science au XIIIe. Siècle*, cit., p. 9.

São Tomás logicamente colocou na abertura da Suma Teológica a *quaestio*: «De sacra doctrina, qualis sit, et ad quae se extendat», passando a definir o estatuto epistemológico da teologia em dez artigos: «Circa quae quaerenda sunt decem: primo, de necessitate huius doctrinae; secundo, utrum sit scientia; tertio, utrum sit una vel plures; quarto, utrum sit speculativa vel pratica; quinto, de comparatione ad alias scientias; sexto, utrum sit sapientia; septimo, quid sit subiectum eius; octavo, utrum sit argumentativa; nono, utrum uti debeat metaphoricis vel symbolicis locutionibus; decimo, utrum Scriptura sacra huius doctrinae sit secundum plures sensus exponenda»¹⁰. Para o Aquinate a *sacra doctrina* é uma ciência *sui generis*. Como qualquer outra sistematiza e atinge o seu objecto especulativamente, porém, de nenhuma outra depende, ela é exclusivamente ciência subalterna da ciência divina - «quaedam vero sunt qui procedunt ex principiis notis lumine superioris scientiae»¹¹, da qual procede a legitimidade das verdades reveladas e recebe a iluminação, o *lumen fidei*, ou a claridade necessária para que o entendimento humano seja capaz de entender o mistério dos princípios da fé – *intellectus fidei*. Por analogia com a graça, que age sobre a natureza humana sem a minimizar ou destruir, a luz da fé não destrói a razão, nem dispensa a força da razão; antes pelo contrário, eleva-a, orienta-a e torna-a mais perfeita. A fé ilumina a razão: Este princípio da concepção agostiniana da *iluminatio fidei*, aflora várias vezes na *Summa Sermonum* de Frei Paio ao apresentar o pregador como aquele que transporta o facho da fé para iluminar as trevas da heresia.

4. A *Summa Sermonum*: a fé ilumina a razão

Na escolástica o estudo da Sagrada Escritura processava-se em três fases: *lectio*, *disputatio*, *praedicatio*. Pela e na pregação era atingido o objectivo desta ciência: mostrar e demonstrar a fiéis e infiéis as verdades da fé, para que conheçam e amem a Deus neste mundo (*in via*), e conquistem o gozo da bem-aventurança (*in patria*). Alano de Lille assim definiu a pregação: «manifesta et publica instructio morum et fidei, informationi hominum deseriens, ex rationum semita et auctoritatum fonte proveniens»¹². Pregador é fazer um discurso público,

¹⁰ 1 q.1 a1-10. Este mesmo assunto tinha sido já abordado por S. Tomás nos livros da sua juventude: no prólogo do *Scriptum super Sententiis magistri Petri Lombardi*, no *De veritate*, q. 14, a 10; no *Contra Gentiles*, 1,4.5.

¹¹ 1 q.1 a.2.

¹² *Ars praedicandi*, cap. 1., PL 210, 111.

fundamentado na Revelação divina contida nas Sagradas Escrituras, no quadro duma sociedade organizada e visando o nascimento ou o desenvolvimento da fé e dos conhecimentos religiosos e, correlativamente, a conversão e o progresso espiritual dos ouvintes. O elemento essencial da pregação é o seu enraizamento na Revelação. Ela transmite uma mensagem apta a ser recebida e compreendida, precisamente, a partir do texto sagrada. Pelo exercício exegético e pelo comentário estabelece, em hermenêutica textual, a sua inteligibilidade, visando o ordenamento da praxis cristã¹³. Como antes foi referido, a partir do século XII, os teólogos e os pregadores iniciaram o recurso a métodos racionais¹⁴.

Também Frei Paio de Coimbra foi atingido pelos ventos deste modernismo. Mestre e formador de pregadores, decide elaborar uma colecção de 406 sermões: *materia praedicabilis*, com algumas recomendações pedagógicas e pastorais. Como afirma Francisco da Gama Caeiro, «a obra sermonária do teólogo e pregador dominicano deverá ser integrada nas correntes de ideias teológicas e de exegese, nas filiações doutrinárias, nas orientações parenéticas que dimanam do centro universitário parisiense»¹⁵. Pode comprovar-se esta tese do saudoso medievalista, pela análise do sétimo sermão da festa do Apóstolo Santo André¹⁶. A partir da frase de Isaías (7, 9) segundo a versão dos Setenta - «Si non credideritis non intelligetis», define o tema e introduz a questão da relação fé e com a razão, acolhendo a solução da *Summa Aurea*: «dicunt tamen theologi quod «quedam sunt que non possunt credi nisi prius intelligantur (Aug., *Enarrationes in Psalmos*, 18, 3) que oportet prius cognosci naturali cognitione, «ut unum esse principium», prius intelligatur quam credatur, quedam uero sunt que oportet prius credi quam cognosci uel intelligi, ut articuli fidei, ad quos non potest attingere ratio naturalis, ut est «Filius Dei esse hominem» et huiusmodi»¹⁷. A exegese teológica situa-se

¹³ A hermenêutica medieval como meio de análise escriturística remonta a Orígenes e foi introduzido na exegese medieval por Cassiano: propunha-se esclarecer os quatro sentidos (quadrígia) seguintes: literal ou histórico, moral ou tropológico, alegórico ou místico e anagógico ou escatológico. Nicolau de Lira vulgarizou o dístico da autoria de Agostinho da Dinamarca (séc. XIII): «Littera gesta docet / qui credas allegoria / Moralis quid agas / quo tendas anagogia (quid speres anagogia = Ag. Dinamarca).

¹⁴ Cfr. J. LONGÈRE, *La prédication médiévale*, Études Augustiniennes, Paris 1983, p. 14.

¹⁵ F. G. CAEIRO, «Os primórdios dos Frades Pregadores em Portugal. Enquadramento histórico-cultural», in *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, Arquivo Histórico Dominicano Português, vol. III, Porto 1984, p. 164.

¹⁶ *Summa Sermonum*, f. 3r.

¹⁷ Ibid. Cf. Guillelmus Antissiodorensis, *Summa Aurea*, lib. 3, t.1, trac. 12, cap. 4: Cfr. Ibid., lib. 1, t. 1, prol.

tradicionalmente em dois níveis interpretativos, que não são contraditórias, mas complementares. Primeiro: *Intelligo ut credam*, entender para crer, ou seja, a razão presta um obséquio à fé. Segundo: *Credo ut itelligam*, crer para entender, isto é, há verdades da fé que a razão natural não pode atingir, como por exemplo, «que o Filho de Deus se fez homem». Daqui se chega naturalmente a uma conclusão lógica: o conhecimento pela fé é o mais excelente. Os artigos da fé não carecem de demonstração, pois «é suposta» a sua veracidade - «non enim oportet talia prescutari, sed supponi»¹⁸. E isto por quatro razões:

1ª «Vt artium uel scientiarum necessitas non cassetur»¹⁹.

A ciência e a arte têm que ser sustentadas à partida por «principia per se nota», isto é, por um conjunto de axiomas de tal modo intuídos pela mente que não careçam de prova. A teologia como ciência tem os seus axiomas, os artigos da fé, que são *principia per se nota*, isto é, evidentes por si mesmos, não em virtude de uma iluminação *per modum nature illuminantis intellectum*, como nas outras ciências, mas de uma iluminação *per modum gratie*. Só Deus ilumina o entendimento gradualmente até atingir a sua perfeição, isto é, até ao estado do conhecimento completamente esclarecido. E é por esta razão que a teologia goza do estatuto, não só de ciência potencialmente mais perfeita, mas também de ciência fundamentadora, pois garante a subsistência de todas as ciências e artes. Frei Paio argumenta com a autoridade de Aristóteles (*Interpretatio Topicorum* de Boécio) e com o Livro dos Provérbios (4, 9), afirmando, enfaticamente, que a ciência teológica é *de iure* património exclusivo dos crentes. De facto, só eles recebem a iluminação *per modum gratiae*: «qui tamen solum fidelibus sunt principia, quibus sunt per se nota, nulla extra probatione indigentia»²⁰. Não admite, portanto, a subjectividade universal do conhecimento teológico, que virá mais tarde a proporcionar a objecção mais relevante do seu carácter científico. S. Tomás não ignorou esta questão, e procurou resolvê-la na *Summa Teológica* depois de a inscrever como aporia prioritária: «*quaestio: «Utrum sacra doctrina sit scientia»*: Omnis enim scientia procedit ex principiis per se notis. Sed sacra doctrina procedit ex articulis fidei, qui non sunt per se noti, cum non ab omnibus concedantur: *non omnium est fides*, ut dicitur II Thess. 3,2. Non igitur sacra doctrina est scientia»²¹. O Doutor Angélico responde a esta questão sustentando

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid.

²¹ I, 1 q. 2, 1.

que a garantia dos princípios teológicos nada tem a ver com o sujeito cognoscente, porque objectivamente eles se integram numa ciência superior (teoria da subordinação): «Ad primum ergo dicendum quod principia cuiuslibet scientiae vel sunt nota per se, vel reducuntur ad notitiam superioris scientiae»²².

2ª. «Ut intellectus humanus diuine iusticie subiugetur»²³.

É evocado o argumento puramente teológico, extraído da *Summa Aurea*²⁴, segundo o qual a justiça divina assume as três virtudes teológicas como espécies suas, tomando para si o que Lhe é devido. Neste caso, o entendimento é assumido pela virtude da fé, que o ilumina com uma credibilidade tal que supera a validade formal e material do raciocínio dedutivo.

3ª. «Vt ipsum credere meritorium reputetur»²⁵.

No mérito da fé, reside a sua credibilidade. A garantia do assentimento explica-se por uma única razão: «quia ita docet prima et summa ueritas»²⁶. Por isso o assentimento é mais vigoroso no conhecimento *ex fide* do que no conhecimento sensível, ou no intelectual. Mesmo quando se recorre a motivos racionais para crer, o assentimento liga-se directa e exclusivamente à veracidade imanente aos mesmos princípios ou artigos da fé.

4ª. «Vt sicut inter corporalia, sic inter spiritualia proportio conseruetur»²⁷.

Metaforicamente, a fé é a pupila dos olhos da alma. Na verdade, o entendimento «non potest perfecte uidere omnia spiritualia nisi beneficio fidei»²⁸. Tal como para Agostinho de Hipona, «fides est illuminatio mentis». O P. Chenu explica muito bem esta função clarificadora da fé sobre o entendimento: «Voilà donc de quoi exercer une activité rationnelle à l'intérieur de la doctrine sacrée: non seulement stricte besogne de défense, mais complaisance de la foi, qui, loin de s'appuyer sur les 'raisons', leur donne consistance; car la foi est une illumination intérieur, et, dans son expérience, de plus en plus pure, elle introduit l'esprit à une intelligence des mystère qu'elle croit»²⁹.

²² Idem, I, 1q. 2, 2.

²³ *Summa Sermonum*, f. 3r.

²⁴ lib. 3, tract. 11, cap. 3, q. 3.

²⁵ *Summa Sermonum*, f. 3r.

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid.

²⁹ M.-D. CHENU, O.P., *La théologie comme science au XIIIe. siècle*, cit., p. 35.

5. O principado da teologia, ou a teologia, rainha das ciências

O sermão registra o eco da *quaestio* que Alexandre de Hales colocou na introdução da *Summa Theologica*: «...inquirentes de doctrina theologica: 1. *utrum sit scientia...*»³⁰. Frei Paio não só afirma que a teologia é uma ciência, mas também que é, verdadeira e indubitavelmente, a mais nobre de todas as ciências, a ciência por excelência - «*Beatus enim Paulus fuit uas electe scientie, id est theologie que inter omnes scientias obtinet principatum*»³¹. A teologia é a autêntica sabedoria, a *sapida scientia*, e, como diz Santo Agostinho, «*si sapientia Deus est, uerus quoque philosophus est amator Dei*», «*sine quo nulla natura subsistit, nulla doctrina instruit, nullus usus expedit*», «*principium nostrum, lumen nostrum, bonum nostrum*», «*principium nature, ueritas doctrine, felicitas uite*»³².

6. A *Summa Sermonum*, património cultural e teológico

O Sermão de Frei Paio é um rico repositório do saber teológico e da cultura da jovem nação portuguesa. Através da diversidade de temas distribuídos pelas festividades do ano litúrgico, é possível inventariar os dados que patenteiam a riqueza doutrinal da sua obra sermão:

A – Princípios para uma epistemologia da ciência teológica:

A teologia é uma ciência, pois se fundamenta nos artigos da fé, *principia per se nota*. A teologia tem o primado sobre as outras ciências, pois *oportet prius credi quam cognosci vel intelligi*.

A fé é requerida pela razão, *quid est fides in intellectu speculativo, nisi pupila in oculo*, e tem em si mesma força probatória, *fides argumentum*.

A doutrina de Cristo é a autêntica sabedoria, isto é, *sapida scientia*, ou teologia, e confere a graça. Esta sabedoria é *lumen intellectus e sapor affectus*.

B – A teologia, ciência da fé e da revelação positiva de Deus:

As verdades, expressas no «Credo», constituem o depósito da Fé, que cada cristão deve professar *mente, ore, opere*.

Porque Deus é transcendente, o conhecimento humano não pode apreendê-Lo tal como Ele é. No entanto, a Natureza criada conduz o intelecto para Deus

³⁰ Citado por *ibid.* p. 37, n. 4.

³¹ *Summa Sermonum*. f. 56v.

³² *Summa Sermonum*, f. 57r. (*De civitate Dei*, lib. 8, cap.1; cap. 4, cap. 10, cap. 9. PL 41, 224/25; 229 ; 234 ; 233).

- ela é o «espelho de Deus»: *«Intellige tu christiane ad minus sicut philosophi infideles»* - primeiro, pela unidade do mundo, à unidade de Deus, isto é, a uma essência; pela sua grandeza, ao poder de Deus Pai; pela sua beleza, à sabedoria de Deus Filho; pela sua organização, à benevolência de Deus Espírito Santo, etc.

A omnipresença de Deus manifesta-se de vários modos: *per essentiam, per presentiam, per potentiam e per gratiam*. Porém, nos anjos e nos homens Deus está presente segundo modos especiais: o superior, *per naturam*; o mais elevado, *per gratiam*; o altíssimo, *per gloriam*. Apenas em Cristo Deus está presente especialíssimamente, *per unionem*.

Os nomes próprios de Deus são: Senhor, Santo, Criador. Os tronos de Deus são: a Sabedoria Suprema, a Virgem Maria (trono da graça), a Cruz (trono de misericórdia), o tribunal do juízo (trono de justiça), os Anjos (trono de glória).

C – Cristologia:

Cristo é o Verbo enviado pelo Pai - *«haec uidentur philosophi ignorasse»*.

Cristo é Jesus, o Emanuel, o Ungido, o Messias procurado, o Salvador prometido, o Anjo do Grande Conselho, o Sol de justiça, a Luz que ilumina o mundo.

Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Manifestou a sua divindade na Epifania, no Baptismo, e nas bodas de Canã. Nasceu de Virgem desposada, tornando-se nosso irmão.

Cristo trouxe a alegria e a paz. Enviado pelo Pai, veio a este mundo com a missão de salvar todos os povos. A Cruz de Cristo, estandarte glorioso, transforma a amargura da tribulação.

Cristo é o Deus escondido aos olhos dos hereges, dos judeus e dos sarracenos.

D – Mariologia:

As maravilhas por Deus operadas em Maria – virgem e mãe, fecunda e pura.

A Virgem Maria imaculada, taça maravilhosa, nuvem ou mansão de Deus foi santificada no ventre de sua mãe – *«concepta fuit in peccato originali et post in utero sanctificata»*.

Maria é a nova Eva, geradora com Cristo de filhos espirituais, a estrela que ilumina os pecadores, o mar ou matriz de todas as graças.

A grandeza de Maria postulava a sua gloriosa assunção: *quid maius hec facere, si potuit uel debuit et non fecit*.

E – Teologia Moral:

O jugo de Cristo – os sacramentos e os artigos da fé, que orientam o intelecto; os dez mandamentos, que disciplinam a vontade; os conselhos evangélicos, que conduzem à vida de perfeição.

O valor da esmola e a hospitalidade. A correcção fraterna e a adulação. A caridade fraterna, a paz e a unidade.

Os privilégios das virgens – *ex quibus cauendum est ut superbia non oriatur...* A boa esposa e a protecção das viúvas. A honra devida aos pais, naturais e espirituais.

O tributo a César e o tributo a Deus. As qualidades do príncipe cristão.

A apostasia. A angústia do ímpio. As tentações do demónio e o diabo «sofístico».

O perigo das mulheres levianas: a sua beleza e as conversas desonestas conduzem à perdição. Os pecados contra a natureza – *Pro Deo, curialiter tange hanc materiam...* Os pecados contra o Espírito Santo. O castigo dos ímpios e a recompensa dos pecadores arrependidos.

A visão de Deus na eterna Bem-aventurança.

F – Teologia ascética e mística:

Todo o cristão, que aspire à perfeição, deve preparar o encontro com Deus.

A conversão penitencial, ocorre segundo três modalidades: *sicut propositiones in logica: simpliciter*, a dos religiosos; *per accidens*, a dos leigos; *per contrapositionem*, a dos que sofrem tribulações e enfermidades.

A santificação é operada pela confissão, contrição e satisfação. O mais alto grau da santificação é a união mística com Deus, ou os sponsais da alma com Cristo em que se exercita o amor de amizade e de concupiscência, que encaminham a alma para a união na Glória. Nesta união a alma opta pela melhor parte, *pars contemplationis, pars possessionis spiritualis* e experimenta, antecipadamente, o deleite espiritual e a alegria da visão de Deus.

G – Teologia Pastoral:

A propagação da Santa Cruz é a missão principal dos prelados e dos pregadores.

São Domingos, fundador da Ordem dos Pregadores, restabeleceu na Igreja a genuína pregação apostólica.

O acompanhamento do exército de Deus, *castra Dei*, é constituído, no Céu, pela hierarquia angélica, e na Terra, pela Ordem dos Cistercienses, dos Pregadores e dos Menores. Os pregadores devem ornar-se com ciência, honestidade de

vida e doutrina. A pregação interpela também as superstições dos astrólogos, e as heresias (maniqueus, donatistas, arianos, epicuristas e priscilianos).

Artifícios oratórios: os *exempla* bíblicos e hagiográficos; a etimologia dos nomes próprios; a utilização de alegorias e símiles.

H – Ecclesiologia:

A confissão de São Pedro e a fundação da Igreja.

São dois os estádios históricos da Igreja: antes e depois do imperador Constantino.

A Igreja detém a cátedra ou poder sacerdotal, régio, magistral, judicial.

O povo de Deus divide-se em três estratos: os prelados (*campo*), os continentes (*lecto*), os casados (*mola*).

A Igreja é o Trono de Deus e a Arca da Aliança.

I - Direito Canónico (Decretum Gratiani e Liber Extra ou Decretales Gregorii IX).

Assuntos directamente referenciados a normas jurídicas:

As promessas. A retribuição. A sepultura. O juramento. A purificação (purgação). A eleição dos prelados. A canonização dos santos.

J - Antropologia teológica:

O homem, ser racional e pacífico por natureza - *animal mansuetus natura* (Aristóteles), tão digno como o anjo, é instituído no estado de condição elevada, *per naturam*; superior, *per gratiam*; elevadíssimo, *per gloriam*.

7. O legado de Paio de Coimbra

Pode, pois, legitimamente comparar-se Frei Paio de Coimbra ao seu confrade Rolando de Cremona, que introduziu na Ordem dos Pregadores o “gosto” por Aristoteles que levou Tomás de Aquino a estabelecer com clareza, na *Summa Theologiae*, os fundamentos da Teologia como ciência. Ele também, ao introduzir um novo estilo de pregação (*more moderno*) e ao lançar a semente da «nova» teologia (*more aristotelico*), viria a suscitar excelentes frutos no *Studium Generale* do Colégio de S. Tomás de Coimbra – o primeiro colégio universitário português -, e na própria Universidade de Coimbra durante o século XVI, era dourada da Ordem Dominicana em Portugal.